



e-cadernos CES

02 | 2008

Novos mapas para as ciências sociais e humanas

As culturas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da universidade pública brasileira: um caso de tradução

Marcos Moraes Valença



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1352>

DOI: 10.4000/eces.1352

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Marcos Moraes Valença, « As culturas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da universidade pública brasileira: um caso de tradução », *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, colocado online no dia 01 dezembro 2008, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1352> ; DOI : 10.4000/eces.1352

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.



As culturas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da universidade pública brasileira: um caso de tradução

Marcos Moraes Valença

Introdução

- 1 Este trabalho tem como objectivo analisar a tradução – diga-se, traduções – num espaço fronteiriço entre duas singulares culturas, uma do movimento social; outra, escolar. Por um lado, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST; por outro, a Universidade Pública Brasileira – Universidade de Pernambuco – UPE. Uma, predominando o conhecimento construído no próprio movimento social; outra, o científico. Essa fronteira nasce de um programa de formação da Universidade para os Sem Terra, a partir das negociações, construção do currículo, acompanhamento e execução do curso a nível de graduação – Pedagogia da Terra. A zona de contacto ocorre nos encontros diversos, nas reuniões, durante as aulas etc.
- 2 Desta forma, escolhi escutar, por meio de entrevista, a coordenadora do curso Pedagogia da Terra, por parte do MST, assim como a coordenadora do referido curso, por parte da Universidade de Pernambuco. A escolha se deve ao facto das duas serem as pessoas responsáveis pelo Curso, apesar de estar consciente de que num outro momento, será de grande importância escutar também os educadores e educandos do Movimento e da Universidade.
- 3 Acredito que a tradução foi realizada em momentos de diálogos e tensões, mas que essa fronteira contribuiu bastante para as duas culturas – MST e UPE – a nível de aprendizado, reflexão e mudança de seus quotidianos.

Minhas escolhas...

- 4 Compreendo ciência como um caminho sistematizado e estruturado, permeado pela subjectividade. Digo, algo constantemente em construção, que não transmite uma verdade absoluta e inquestionável. Minayo (1994) destaca que o objecto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. Ao trabalhar com o fenómeno sociológico e educacional, repleto de um mundo de significados, escolho por fazer uma abordagem qualitativa.
- 5 Optei pela hermenêutica-diatópica para analisar as duas culturas – do movimento social e da universidade:

O trabalho de tradução incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas (e os seus agentes). A tradução entre saberes assume a forma de uma hermenêutica diatópica. Consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas. (Santos, 2006:31)
- 6 Dentro dessa perspectiva, apresento o campo de pesquisa, os sujeitos e os instrumentos de colecta. Já que pretendi analisar a tradução no espaço fronteiro de encontro das duas singulares culturas, selecionei como objecto de análise o curso superior Licenciatura em Pedagogia – carinhosamente chamado por Pedagogia da Terra¹ – oferecido pela Universidade de Pernambuco, localizada em Nazaré da Mata (PE), no mesmo município onde se localiza o assentamento Pedro Inácio², no qual vivem cinco estudantes Sem Terra dos cursos – a nível médio e a nível superior – da Universidade. Destaco que Pernambuco é uma região marcada por um grande número de conflitos e conquistas de terra, considerado, pelo Movimento, como o estado que apesar de intensas tensões, vem conquistando o maior número de assentamentos no Brasil.
- 7 Dentre os sujeitos deste trabalho, escolho a coordenadora do MST, responsável pela construção, acompanhamento e avaliação do curso de Pedagogia da Terra, e a coordenadora do Curso, pertencente à Universidade de Pernambuco. Destaco que realizei entrevista com ambas, via internet, no mês de Março de 2008. Já que em Novembro de 2005, eu havia entrevistado, pessoalmente, a coordenadora da Universidade, em Nazaré da Mata, na própria Universidade, justamente, no início do curso Pedagogia da Terra, achei importante utilizar os valiosos dados que já havia adquirido. Para esta entrevista chamo de Entrev.1 e, conseqüentemente, para a realizada, posteriormente, via internet, chamo de Entrev.2, no decorrer deste trabalho.
- 8 Por fim, analiso documento sobre educação, produzidos pelo MST – Princípios da Educação no MST.
- 9 A seguir, apresento as perguntas feitas com os sujeitos deste trabalho.
- 10 Coordenadora do curso pelo MST
 1. Partiu de quem – do MST ou da Universidade – a criação do curso de Pedagogia da Terra?
 2. Como foi seleccionada a instituição que ministraria o curso para o Movimento?
 3. Como foram seleccionados/as os/as educandos/as para participarem do curso Pedagogia da Terra?
 4. O Movimento já tinha alguma relação com a Universidade? Qual?
 5. Como o Movimento participou da construção do currículo do curso?
 6. Houve tensões nessa parceria? Quais?

7. Como o Movimento avalia o curso que está sendo ministrado para o MST?
8. Em que o Curso vem contribuindo para o Movimento?
- 11 Coordenadora do curso na Universidade de Pernambuco
 1. Partiu de quem – da universidade ou do MST – a criação do curso de Pedagogia da Terra?
 2. Como foi realizada a construção curricular do Pedagogia da Terra? Quem foram as pessoas envolvidas? Houve quantos encontros? Houve tensões? Quais?
 3. Como foram seleccionados/as professores/as para ministrarem aulas no referido curso?
 4. Os professores já tinham alguma relação com o Movimento? Qual?
 5. Que dificuldade a Universidade enfrentou para a construção e realização desse curso com o MST?
- 12 Destaco que para melhor compreendermos as traduções a serem analisadas, faz-se necessário uma discussão sobre tradução, MST e Universidade, que faço logo a seguir.

Tradução

- 13 Ao falar sobre tradução, estou me referindo a uma situação entre contextos, culturas, práticas políticas e sociais distintas – como é o caso do MST com a Universidade Pública. Ribeiro afirma que:

Potencialmente, toda a situação em que se procura fazer sentido a partir de um relacionamento com a diferença pode ser descrita como uma situação translatória. Nesta acepção ampla o conceito de tradução aponta para a forma como não apenas línguas diferentes, mas também culturas diferentes e diferentes contextos e práticas políticos e sociais podem ser postos em contacto de forma a que se tornem mutuamente inteligíveis, sem que com isso tenha que se sacrificar a diferença em nome de um princípio de assimilação. O que significa, dito de outro modo, que a questão ética da tradução e da política da tradução se tornaram tanto mais prementes nos nossos dias. (Ribeiro, 2002:78)
- 14 Nessa relação entre o Movimento e a Universidade, há um terceiro espaço, não no sentido literal nem transcendental, mas um espaço de “intromissão”, uma fronteira nesse cont acto, certamente, com tensões e diálogos possíveis. Nesse espaço fronteiriço há tradutores de ambas as partes. O tradutor tem a função de GET- BETWEEN,³ ou seja, de interferir, intr ometar-se, “meter-se no meio”, diferente do GO- BETWEEN, que se resume ao levar e trazer (Ribeiro, 2002).
- 15 Ribeiro (2002) faz uma crítica de que se fala em diálogo em qualquer contexto, mesmo quando se trata de relações de dominação com verticalidade. Destaco, porém, que o autor acredita na possibilidade do diálogo. Diálogo existe entre iguais. Freire chama a atenção de que o diálogo é possível com a humildade:

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (Freire, 1987: 81)
- 16 Certamente, este lugar de encontro a que Freire se refere é o próprio espaço fronteiriço sem sábios e/ou ignorantes absolutos. Assim, pode-se afirmar que todas as culturas são incompletas. Tradução cria inteligibilidade, coerência e articulação, logo, permite

articulações de alianças possíveis. A questão é identificar o que as une e o que as separa (Santos, 2006).

- 17 Santos (2006) afirma que a tradução pode ocorrer entre saberes hegemónicos e saberes não-hegemónicos e que só há possibilidade de construir a contra-hegemonia, por meio da inteligibilidade recíproca, assim como da possibilidade de agregação entre saberes não-hegemónicos.
- 18 Outro tipo de tradução ocorre entre práticas sociais e seus agentes. As primeiras produzem conhecimento, são práticas de saber. “O trabalho de tradução incide sobre os saberes enquanto saberes aplicados, transformados em praticas e materialidades”(Santos, 2006: 34).
- 19 Por fim, Boaventura Sousa Santos afirma que:
o objectivo do trabalho de tradução é criar constelações de saberes e de práticas suficientemente fortes para fornecer alternativas credíveis ao que hoje se designa por globalização neoliberal e que não é mais do que um novo passo do capitalismo global, no sentido de sujeitar a totalidade inesgotável do mundo à lógica mercantil. (Santos, 2006: 44)
- 20 A seguir, falarei sobre o MST – de seu histórico à sua relação com a educação formal – a fim de que o/a leitor/a compreenda melhor sobre este movimento social brasileiro.

O MST: um pequeno histórico e sua relação com os media do brasil

- 21 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra foi gerado com o intuito de contribuir para a reforma agrária do Brasil, país com larga expansão territorial, número expressivo de latifúndios e, conseqüentemente, grande desigualdade social. Surge no início da década de 80, na região sul do país e se espalha de norte a sul, atingindo uma média de 24 dos 27 estados brasileiros⁴. Segundo Pereira (2005), trata-se do movimento da actualidade que mais tem contribuído para o avanço da reforma agrária.
- 22 Souza (2006) destaca que o MST é constituído por sujeitos colectivos que são bastante articulados com a sociedade civil e outros movimentos, além de enfatizar a formação dos seus integrantes:
é um movimento que possui uma rede de relações que gera formação escolar, técnica, que gera parcerias e assessorias; que luta por “poder” nas relações sociais que constrói e naquelas que participa como parceiro. (2006:21)
- 23 O MST encontra-se em constante evidência nos media brasileiros⁵ que associam a imagem do Movimento a vandalismo e banditismo. Como afirmam Souza e Júnior (2002), “o discurso jornalístico revela, em seus componentes linguísticos, um tratamento discriminatório das acções de reivindicações do MST, que muitas vezes são abordadas como caso de polícia e não questões sociais” (2002: 2). A professora e coordenadora do curso Pedagogia da Terra da Universidade de Pernambuco⁶ destaca a relação dos media com o MST e o projecto colectivo deste movimento:
Mas a gente conhece muitos movimentos sociais a partir da crítica que a mídia faz e a mídia a gente sabe que é direccionada. Se você for ver o que sai na ISTOÉ, o que sai na VEJA, o que sai na GLOBO⁷, o que sai na maioria dos jornais são os aspectos negativos do Movimento. Então, assim, eu me senti um pouco privilegiada no sentido de ter a oportunidade de trabalhar com o movimento social a partir da educação. Isso foi muito bom para mim, enquanto profissional, enquanto

pesquisadora, porque eu já tinha essa visão do que a mídia passa, mas eu sempre fui pé atrás, também. A gente já faz a leitura crítica da mídia, enquanto que a grande massa não. Mas, conhecendo o MST, convivendo com os militantes do MST, coordenando cursos no MST, eu tive oportunidade de ver a construção que eles fazem de um projecto de sociedade que é diferente do projecto que está sendo imposto para a gente. Eu acho que essa é a grande diferença, é por isso que a gente se apaixona, porque o projecto de sociedade que eles defendem, é um projecto de sociedade que eu sonhava quando eu tinha dezoito, vinte anos. (Coordenadora-UPE-Entrev.1)

- 24 Pode-se afirmar que grande parte da sociedade brasileira desconhece o projecto de sociedade do Movimento, como declarou a professora.

O MST e a sociologia das ausências

- 25 Apesar do MST estar constantemente nos media – ao ocupar, estrategicamente, espaços visíveis, na margem de estradas e rodovias – encontra-se ausente da sociedade brasileira, por esta desconhecer, de facto, os objectivos, a organização e as conquistas do Movimento⁸. Destaque-se a Sociologia das Ausências, que traz como objectivo transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças, como a firma o sociólogo Boaventura de Sousa Santos.

- 26 A Sociologia das Ausências trata de evidenciar o que está “escondido”, ou que não é discutido intencionalmente na sociedade, por ser de facto uma possível força contra-hegemónica.

A Sociologia das Ausências visa, assim, criar uma carência e transformar a falta da experiência social em desperdício da experiência social. Com isso, cria as condições para ampliar o campo das experiências credíveis neste mundo e neste tempo e, por essa razão, contribui para ampliar o mundo e dilatar o presente. A ampliação do mundo ocorre não só porque aumenta o campo das experiências credíveis existentes, como também porque, com elas, aumentam as possibilidades de experimentação social no futuro. A dilatação do presente ocorre pela expansão do que é considerado contemporâneo, pelo achatamento do tempo presente de modo a que, tendencialmente, todas as experiências e práticas que ocorrem simultaneamente possam ser consideradas contemporâneas, ainda que cada uma à sua maneira. (Santos, 2006: 15)

- 27 Constato que descobrir a relação do MST com a Educação Formal é trazer ao mundo uma experiência tão real e tão presente, com a possibilidade de dilatar este presente. Creio que da mesma forma, a relação inversa, da Universidade com os movimentos sociais. Abaixo, abordo sobre o Movimento e a Educação Formal.

O MST e a educação formal

- 28 Percebo que dos movimentos sociais brasileiros do campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é o que mais vem se preocupando com a educação formal para seus/suas militantes, atraindo universidades e centros de formação⁹ para um trabalho de ensino, pesquisa e extensão. Segundo Jaime Amorim, coordenador do Movimento, no Estado de Pernambuco, “o camponês não pode ter orgulho de ser analfabeto. O desafio é formar a militância toda!”¹⁰. Sabe-se que o Movimento intervém – ou tenta intervir – de forma intensa nas escolas públicas – sejam municipais ou estaduais – onde as crianças e jovens estudam. Concordo com Caldart (2004) quando diz que “a escola é um

dos tempos e espaços da formação humana” e que “a escola não é o único tempo e nem o único espaço de formação humana” (2004: 90). Por se tratar de um movimento social, compreende-se que a formação de seu sujeito é mais ampla, não se restringe aos espaços formais, ou seja, além da educação formal, reconheço a educação informal e não formal. Por fim, chamo a atenção às palavras de Martins in Veiga (1998: 55): “Sem negar o valor da educação informal em outros espaços sociais, a escola é o lugar, por excelência, onde o processo de construção do conhecimento se dá de forma sistematizada.”

- 29 Outro aspecto que se pode destacar é o da construção do Movimento com um currículo apropriado para a educação do campo, preocupando-se com uma nova educação que enfatiza a especificidade do campo, com uma relação entre escola e comunidade, com respeito aos saberes dos educandos e das educandas (Morigi, 2005). Chamo a atenção ainda para a pedagogia da alternância, utilizada pelo MST, onde o tempo curricular é adaptado às necessidades dos/as educandos/as – o tempo de aula na escola e o tempo de aplicação dos conhecimentos na comunidade.
- 30 A partir da letra da música Pra soletrar a liberdade, de autoria de um integrante do Movimento – como se pode observar, abaixo –, há uma proposta de inclusão escolar para todos e todas, através de uma educação diferenciada, voltada à cidadania, realizando uma “reforma agrária também na educação”.

Tem que estar fora de moda
Criança fora da escola,
Pois há tempo não vigora o direito de aprender
Criança e adolescente numa educação decente pra um novo jeito de ser
Pra soletrar a liberdade na cartilha do ABC.

Ter uma escola em cada canto do Brasil
Com um novo jeito de educar pra ser feliz
Tem tanta gente sem direito de estudar
É o que nos mostra a realidade do país

Juntar as forças, segurar de mão em mão,
Numa corrente em prol da educação
Se o aprendizado for além do BE A BÁ,
Todo menino vai poder ser cidadão

Alternativa pra empregar conhecimento
O Movimento já mostrou para a nação
Desafiando dentro dos assentamentos
Reforma Agrária também na Educação. (Zé Pinto)

- 31 Chamo a atenção que a luta por escolas ocorre em tempo comum com a luta pela terra, no referido Movimento, a ponto de ter criado, em 1987, o sector próprio de Educação, elaborando uma proposta pedagógica para as escolas (Gonçalves, 2006). Por fim, o MST construiu os princípios da Educação – materializados em documento – que faço uma breve análise.

Os princípios da educação no MST

- 32 Dentre os princípios da Educação no Movimento, encontram-se os Princípios Filosóficos¹¹ do MST – que destaco – e estão divididos nos seguintes itens: 1) Educação para a transformação social; 2) Educação para o trabalho e a cooperação; 3) Educação voltada

para as várias dimensões da pessoa humana; 4) Educação com/para valores humanistas e socialistas; 5) Educação como um processo permanente de formação transformação humana. No primeiro dos princípios, o Movimento traz como um dos sub-itens, Educação aberta para o mundo, como se pode observar, abaixo:

Educação aberta para o mundo. Ou seja, insistirmos numa proposta de educação do MST não quer dizer nos fecharmos nos limites da nossa realidade imediata ou das nossas lutas específicas. Isto não nos levaria aos objetivos maiores de mudança. Por isso é também característica essencial de nossa educação a preocupação com a abertura de horizontes de nossos/nossas estudantes, de modo que pratiquem aquele velho princípio, também filosófico, de que “nada do que é humano me pode ser estranho”. Algumas pessoas chamam este processo de aumento da “densidade cultural”, que é um outro jeito de dizer que a nossa vista tem que enxergar além do que a nossos olhos alcançam; além do nosso “lote”. E além disso, já percebemos que quem fica fechado no seu pequeno mundo, costuma cultivar amarguras e só enxergar problemas, perdendo a capacidade de projetar o futuro. Nossa educação precisa nos ajudar a continuar rompendo cercas... (MST: 7)

- 33 Apesar de anunciar uma abertura para o conhecimento, o MST, no mesmo documento, apresenta suas referências bibliográficas de forma clara, onde se destacam Paulo Freire, Pistrak, Karl Marx, Lênin, José Martí, dentre outras. Afirma-se enquanto um movimento que produz uma Educação própria - Educação do Movimento e não para o Movimento. Diz-se aberto ao conhecimento. Mas – sem a intenção de me aprofundar nesta análise neste trabalho – faço algumas indagações: O MST estaria realmente aberto ao conhecimento como afirma? O MST aceitaria fazer parceria com qualquer Universidade ou proposta curricular?
- 34 Já que expus alguns aspectos sobre o movimento social brasileiro, MST, a seguir, apresentarei algumas discussões sobre a universidade, a outra cultura do espaço fronteiriço.

A universidade pública e sua função social

- 35 Quando falo sobre universidade, está implícito que esta seja pública, por considerar que todos e todas possuem o direito à educação. Ao tratar da inclusão é interessante perceber que os movimentos sociais e organizações não-governamentais também devem fazer parte desse universo.
- 36 Boaventura de Sousa Santos (1997) critica o isolamento da universidade, considerada uma torre de marfim sem sensibilidade aos problemas da contemporaneidade. Por outro lado, o referido autor afirma:
- No momento em que a procura da universidade deixou de ser apenas a procura de excelência e passou a ser também a procura de democracia e de igualdade, os limites da congruência entre os princípios da universidade e os princípios da democracia e da igualdade tornaram-se mais visíveis. (Santos, 1997: 212)
- 37 A universidade pública brasileira vem tendo a oportunidades de se aproximar mais dos princípios da democracia e da igualdade, através de projectos educacionais que visam a execução de cursos para sujeitos dos movimentos sociais.
- 38 Um desses projectos surgem do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA –, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Dentre eles, destaco o Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária – PRONERA.¹²

- 39 Compactuo do princípio da Ecologia dos Saberes (Santos, 2006) que compreende o encontro entre saberes, sejam científicos, empíricos, do senso comum, da arte etc. Cada saber possui um olhar e, conseqüentemente, uma importância singular. Assim, a universidade ir com este olhar para o encontro com outra cultura, como veremos mais adiante, é fundamental para um processo de tradução.
- 40 Acredito que a universidade é um espaço que pode produzir prazer aos/às educandos/as – refiro-me ao prazer cultural. Snyders (1996) discute que a escola – seja ela da educação infantil à pós-graduação – pode propiciar a alegria cultural aos/às educandos/as, por meio de obras-primas que tanto podem ser científicas, literárias, quanto técnicas. O referido autor¹³, além de defender a escola do prazer cultural para todos e todas, independente da classe socioeconômica que se situem, ainda lembra que essa escola deve contribuir para que os/as educandos/as passem da cultura primeira à cultura elaborada. Por outro lado, chamo a atenção de que a cultura elaborada é a cultura ocidental. Há um olhar eurocêntrico. Percebe-se que Snyders se refere à biblioteca do pai (Mudinbe, 1988) e não se refere em momento algum a produções vindas da cultura popular, por exemplo.
- 41 Nesse espaço do possível prazer cultural, concordo que haja os aspectos abordados por Freire no índice de seu livro *Pedagogia da Autonomia: ensinar exige rigor metodológico*, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e, por fim, querer bem aos educandos.
- 42 Creio que a relação com: o/a educando/a, o conhecimento e suas diversas formas (ecologia do saber), o prazer cultural, o mundo social – incluindo os movimentos sociais – possibilitam a universidade pública cumprir com sua função social. E dentre essas universidades, pode-se destacar a Universidade de Pernambuco – UPE¹⁴. É universidade pública, descentralizada em várias regiões do Estado – uma das razões do Movimento tê-la escolhido para trabalhar – e, desde a década de 90 vem fazendo parceria com o MST.
- 43 Logo abaixo, apresento as tradutoras das duas realidades – da universidade pública e do movimento social – para podermos perceber nesse espaço fronteiro os diálogos, as tensões, os pontos em comum, os ganhos em nível de aprendizado, reflexão e mudança de seus quotidianos – como já disse anteriormente.

A fala das tradutoras

- 44 Início com a fala da coordenadora do MST, que comprova a existência de uma fronteira quando, por meio da educação, o Movimento se relaciona com a Universidade.

Partimos da compreensão do direito à educação em todos os níveis e modalidades, e nesse sentido temos feito a luta para conquistar esse direito. Só que nessa luta não queremos ser apenas demandantes da política, mas queremos dar forma e conteúdo a essa política, daí que estamos debatendo com a Universidade da qualidade e do

conteúdo do curso e talvez seja aqui o maior ponto de conflito. Hoje, talvez, tenhamos diminuído esse conflito, porque a Universidade passou a respeitar o acúmulo de experiência e de conhecimento do MST no campo educacional, a ponto de não querermos mais realizar cursos com o Campus de Petrolina, de não realizarmos mais parceria até que retornemos o debate da concepção e os cursos que reformulamos houve nossa participação na elaboração.(Coordenadora-MST)

- 45 A seguir, apresento a fala da coordenadora da UPE, que destaca uma prática isolada – da Universidade – contrapondo-se a uma colectiva – do Movimento –, reconhecendo a cultura singular de cada uma:

O que diferencia o movimento social da nossa prática social – somos grupos muito isolados, somos muito individualistas – é exactamente a prática do colectivo. De certa forma, a gente como pesquisador se apaixona por a gente ver que existem grupos organizados na sociedade que a gente não consegue dá conta disso na estrutura que a gente vive aqui de universidade, de escola, qualquer ambiente. A nossa sociedade não é organizada, com excepção de alguns movimentos sociais e nesse ponto eu acho que é apaixonante trabalhar com o MST.(Coordenadora-UPE-Entrev.1)

- 46 A fala da coordenadora da Universidade é semelhante a de Gohn (2003), referindo-se aos movimentos sociais e às organizações não governamentais, quando diz que está se construindo uma concepção nova de cidadania, colectiva e ampliada com as novas práticas civis da sociedade brasileira, formando as bases de um projecto democrático, plural e cidadão.

- 47 Não há passividade, há escolhas, há envolvimento. Gera-se, com o convívio, um respeito de uma cultura pela outra. O Movimento reconhece a Universidade como um espaço que pode contribuir à formação de seus integrantes e a Universidade passa a reconhecer que o MST possui um conhecimento próprio, empírico, assim como um específico sobre educação. As duas culturas se buscam. A ecologia dos saberes se faz presente. A Universidade reconhece-se em sua função social, como pode-se observar, abaixo, na fala de sua coordenadora:

Foram estabelecidos contactos, uma nova dinâmica e confrontos surgiram, mas de maneira geral contribuíram para uma abertura maior da Universidade à comunidade e aos povos do campo (Coordenadora-UPE-Entrev.2)

- 48 As duas tradutoras, apesar de reconhecerem tensões que enfrentaram para a realização do curso Pedagogia da Terra, devido, principalmente, a questões administrativas, financeiras e pedagógicas, afirmam que houve diálogos no planeamento e durante a execução do Curso mas que, infelizmente, esses diálogos não prosseguiram.

- 49 Na zona de contacto entre o MST e a Universidade, observa-se que, por um lado, incomodou antigos educandos, educadores e funcionários da Universidade, por outro, despertou a solidariedade de educadores e, inclusive, de educandos de outros cursos da Universidade que contribuíram com as dificuldades iniciais dos Sem Terra que estavam distantes da escola há longos anos.

Os momentos de tensão surgiram no momento da execução do projecto, quando os alunos chegaram à Universidade, pois eram tratados com desconfiança e preconceitos da comunidade científica, professores, alunos de outros cursos e funcionários da Universidade. [...]

A pressão também para estudar que é grande, é um volume muito grande de informação para eles que são muito novos, não é? Eles vêm de formações diferentes, assim, não vêm de uma escola regular, alguns não tiveram de facto, assim, alguns fizeram supletivo. Então quando chegam aqui para voltar ao ritmo de estudo é

muito difícil, por isso que a gente faz essa etapa preparatória e no período com os tutores eles também têm essa actualização nos conteúdos, nas dificuldades que a gente observa que eles têm, de língua portuguesa, de matemática... ai sempre tem trabalhos a fazer e a gente está sempre tentando contribuir. Alunos aqui da Universidade que possam dar um mini-curso, fazer umas actividades com eles para ver se supre essa carência... (Coordenadora-UPE-Entrev.1)

- 50 Na construção curricular do curso Pedagogia da Terra ambas as culturas tiveram sua participação, nem uma cultura nem a outra poderia perder sua especificidade, suas idiossincrasias, suas preocupações, pois cada uma continuaria, respectivamente, movimento social e universidade, como pode-se observar na fala das tradutoras:

Tivemos uma conversa na qual colocamos nossa concepção de educação e do que esperávamos do curso, e como organizamos nosso processo metodológico de gestão do curso. (Coordenadora-MST)

Tivemos algumas reuniões para discutir a metodologia dos cursos, a pedagogia da alternância e a proposta de formação da UPE. Assim, articulamos elementos dos cursos regulares da UPE, para atender a estada demanda específica do MST. Assim, o Curso foi construindo sua identidade, a identidade dos movimentos sociais, sem perder de vista as exigências e norma académica da UPE/ FFPNM (Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata). (Coordenadora-UPE-Entrev.2).

- 51 E assim se efectivou o curso Pedagogia da Terra, voltado à identidade do povo do campo, com uma metodologia própria, utilizando-se da pedagogia da alternância, com seu tempo próprio para um/a singular educando/a do mundo do campo, um corpo docente diferenciado e cautelosamente escolhido, para preparar um educando, uma educanda para actuar, profissionalmente, no próprio Movimento, seja nos assentamentos ou nos acampamentos, e não no mercado de trabalho.

O MST cobrava um cuidado especial com a metodologia a ser utilizada nos cursos, o perfil dos professores formadores, que deveriam ter alguma identidade ou simpatia com as questões políticas da reforma agrária e do MST, o respeito a essa identidade. [...]

Considerar a identidade dos povos do campo, a concepção de educação do MST, a pedagogia da terra e a pedagogia da alternância que incluía tempos pedagógicos no campo e na universidade com actividades diversificadas. [...]

O aluno não tem que estar aqui todos os dias assistindo aula, eles têm o tempo apropriado e esse tempo pedagógico é dividido em várias etapas. Então a gente tem o tempo-aula que é o tempo presencial que a gente chama aqui. Eles passam, geralmente, dois meses, dois meses e meio aqui mais dois meses dois meses e meio nos assentamentos, depois eles voltam. [...]

Os alunos que vêm do MST, não, eles quando entram aqui, eles passam por um processo de selecção, a gente tem uma etapa preparatória onde... eles fazem primeiro uma etapa preparatória muito mais do Movimento que é a organização deles, a questão política, a importância do curso, compromisso que eles têm de dar um retorno para o campo, para as áreas de assentamento, eles só estão no curso porque o compromisso deles é voltar para os assentamentos. Não é fazer o curso para fazer um concurso público aqui na cidade, por exemplo, sair do campo. Que eles façam concurso para actuar no campo, que eles criem as escolas do campo. (Coordenadora- UPE-Entrev.1)

- 52 O aprendizado surgiu por parte das duas culturas. A Universidade, nesse espaço fronteiro, reconheceu seus limites e enfatizou a organicidade e a disciplina do MST, demonstrando, inclusive, um encantamento com a cultura do Movimento Social, como se pode observar na fala da tradutora da Universidade:

[...] daí a importância da organicidade do MST, então eles têm regras, eles têm um estatuto interno que eles construíram aqui agora nesse período com a gente, eles

construíram esse estatuto, têm tarefas a cumprir que vão desde a limpeza do ambiente, por exemplo. Se eles lancham, se eles almoçam, mesmo sabendo que tem o funcionário da Universidade responsável pela limpeza, eles limpam! Eu acho isso lindo, eu acho que são exemplos de cidadania que eles dão, porque enquanto a gente suja mais o ambiente porque sabe que tem uma pessoa para limpar, eles não, eles terminam de almoçar, eles tiram a cadeira, eles arrastam mesa, eles varrem, eles passam pano, deixam tudo arrumado, eles são muito organizados, não esperam que ninguém faça por eles não, têm muito respeito em relação a isso. E essa questão da disciplina, o MST tem isso muito forte, a disciplina, tem punições também quando eles infringem as regras, que eles mesmos decidem o que vão fazer e as punições são interessantes, desde a não sair, por exemplo [...] Então se eles não cumprirem com isso aí tem uma punição e a punição vai desde a questão, saiu não voltou no horário, não vai sair na próxima vez que o grupo for, até a punição, por exemplo, de eles terem de ler um livro e socializar com o grupo a leitura daquele livro, sobre um tema que é interessante ou que tem relação com a norma que eles infringiram, alguma coisa assim, é muito interessante isso. Às vezes eu acho eles muito rígidos nesse aspecto, porque a gente aqui na Universidade está tão acostumado na sala de aula o aluno não quer assistir aula sai e a gente não cobra e com eles não, todos têm de estar na sala de aula, eles têm o maior respeito com a gente professor. Então, parece até que eu estou fantasiando demais, é bom você acompanhar para você ver a realidade, mas, assim, essa questão da disciplina é muito forte, do compromisso, da dispersão deles. (Coordenadora-UPE-Entrev.1)

- 53 Mesmo com as dificuldades enfrentadas, os desgastes e tensões, percebo a mudança do cotidiano¹⁵ no espaço universitário com essas duas culturas numa zona de contacto que gerou um reconhecimento de ambas as partes, seja em relação a aquisição de novos conhecimentos, novas posturas político-pedagógicas, assim como nas suas motivações:

Muitos [referindo-se a uma parte dos professores que ministraram o Pedagogia da Terra] vieram agradecer a oportunidade pela rica experiência que tiveram com os cursos do PRONERA. Eles se emocionaram, descobriram coisas novas, se descobriram, se sensibilizaram com as questões políticas e pedagógicas e revelaram outros interesses a partir deste contacto com a pedagogia da terra. Saíram mais enriquecidos, motivados pelo perfil dos alunos dos cursos, a vontade de aprender, o compromisso com a formação e com o diálogo aberto que era estabelecido entre professores e alunos. Alguns passaram a desenvolver pesquisa e extensão a partir deste primeiro contacto nos cursos formais. (Coordenadora-UPE-Entrev.2)

- 54 Na fala seguinte, pode-se observar a Universidade reconhecendo aprender sobre cidadania

[...] eles dão exemplos para a gente, eles dão aula para a gente de cidadania, de direitos humanos, de tudo, sabe, do que eles vivem de exclusão, de injustiça social, eles são muito críticos, eles são tão críticos que chegam a incomodar e incomodam muito. (Coordenadora – UPE –Entrev.1)

- 55 O MST ao ser questionado em que o Curso vinha contribuindo para o Movimento, assumiu os ganhos que seus integrantes tiveram, como se pode perceber abaixo:

Em várias dimensões. Na elevação da escolaridade (...),da elevação da consciência de direito a educação; da qualificação profissional, da elevação da formação política e de consciência.... (Coordenadora-MST)

- 56 Por fim, assinalo, através da fala da coordenadora da Universidade, desafios que considero fundamentais para a efectivação de um processo de tradução: “A necessidade de abertura para o diálogo, conviver com as diferenças foi outro grande desafio.” (Coordenadora-UPE-Entrev.2)

Comentários breves

- 57 Acredito que minha hipótese foi constatada: a tradução foi realizada em momentos de diálogos e tensões, mas que essa fronteira contribuiu bastante para as duas culturas – MST e UPE – a nível de aprendizado, reflexão e mudança de seus quotidianos.
- 58 A Universidade teve uma rica oportunidade para dialogar, assim como de trabalhar colectivamente. Houve, na construção do Curso e no acompanhamento inicial, diálogos entre as distintas culturas.
- 59 Confesso o quanto fiquei surpreso em relação a quantidade de tensões que ocorreram no espaço fronteiriço. Quando havia entrado em contacto com a coordenadora da Universidade, em 2005, no início do curso Pedagogia da Terra, não percebi tensões. Agora, em 2008, realizando este trabalho, próximo do término do curso Pedagogia da Terra – que está previsto para Agosto deste ano – observo que as tensões foram se intensificando, e são relacionadas, principalmente, a aspectos financeiros que prejudicaram, por exemplo, à pedagogia da alternância, que, conseqüentemente, influenciavam nas questões pedagógicas. É importante lembrar que os educandos e as educandas moram em municípios distintos, localizados em todas as regiões do estado de Pernambuco, inclusive de outros estados nordestinos e que para se deslocarem e habitarem em outra região, a questão financeira é significativa.
- 60 Chamo a atenção de que esse curso Pedagogia da Terra faz parte do PRONERA, um dos programas do INCRA, e, assim, depende também desse órgão governamental. Portanto, três instituições sempre estiveram envolvidas para o seu funcionamento. Tanto a relação entre elas quanto o desempenho de cada uma, certamente, exerce influência no andamento do Curso.
- 61 O Movimento reconheceu a importância do curso Pedagogia da Terra para a formação dos Sem Terra e a Universidade reconheceu a importância de trabalhar colectivamente. Inclusive, lembro que a Universidade agradeceu pelo rico aprendizado de cidadania, mudança de postura e prática pedagógica, por se envolver com um educando diferenciado na condição sócio-político-cultural, que deveria ser formado para o próprio Movimento e não para o Mercado – como estava habituada a fazer –, enfrentando, desta maneira, desafios novos e difíceis.
- 62 Os quotidianos dessas culturas foram modificados, devido a esse espaço de fronteira. Os educandos e educandas Sem Terra, intervindo em seus assentamentos ou acampamentos, com os conhecimentos que vêm adquirindo. Os educadores e educadoras, os educandos e educandas e administrativos e administrativas da Universidade convivendo com um público diferenciado, exercendo sua cidadania claramente, com criticidade, cuidando de seu ambiente, com sua disciplina e organicidade, com seu conhecimento de vida e de projecto colectivo singular.
- 63 Não posso deixar de ressaltar a riqueza desse espaço de traduções, independente das tensões que sempre haverão de existir, oportunizando agricultores e agricultoras – ou filhos e filhas desses – a possuírem um curso superior para intervirem na construção de projectos educacionais para a sua comunidade. São vozes subalternas que passam a falar mais alto – jovens e adultos, homens e mulheres, negros, negras, brancos, brancas, indígenas, mestiços. Além dos seus espaços de enunciação (Spivak, 1993), sejam os acampamentos ou os assentamentos, outro espaço os acolhe e os passa a respeitar – a

universidade - , respeitá-los e, inclusive, admirá-los e, principalmente, passa a aprender com eles, mudando sua visão de mundo, sua forma de relacionar-se e de trabalhar.

- 64 Sublinho a importância da tradução revelando experiências trazidas por um movimento social que vem se firmando, não apenas em prol da reforma agrária, mas também por investir na formação de agricultores e agricultoras através da educação formal. Por outro lado, chamo a atenção de que a Universidade certamente precisa, cada vez mais, dialogar com outras formas de conhecimento, trazendo a possibilidade de materializar a ecologia dos saberes.
- 65 Nessa zona de contacto a ecologia dos saberes ocorreu claramente, o saber popular, o saber do próprio movimento social – com saberes do quotidiano, da luta, com saberes sistematizados – junto com o saber científico, havendo respeito e reconhecimento entre esses saberes, por parte das duas culturas.
- 66 Um aspecto bastante importante é o da Universidade reconhecer o MST como uma cultura que produz uma educação própria. Acho que é um ponto que demonstra a inteligibilidade nessa zona de contacto.
- 67 Após essa fronteira que permitiu essas duas culturas se encontrarem, continuo ciente que permanecem incompletas, mas enfatizo como foi possível a inteligibilidade, a partir desse encontro entre o conhecimento do movimento social e o conhecimento da Universidade, gerando uma grande articulação, trazendo a possibilidade de uma contra-hegemonia. Um movimento com vozes mais fortes e uma universidade fugindo dos padrões tradicionais, agindo com a humildade freireana, trocando e, parece-me que, aprendendo mais que ensinando.
- 68 Por fim, esta experiência também revela o que diz a sociologia das ausências, onde o silenciado, o não falado e o não visto pode passar a emergir e criar uma rede, fortalecendo um desencadeamento em prol de uma outra situação possível e real.

BIBLIOGRAPHY

Caldart, Roseli Salete (2004), *Pedagogia do movimento Sem Terra*. 3a ed. São Paulo: Expressão Popular.

Freire, Paulo (2003), *Pedagogia da autonomia*. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra. Freire, Paulo (1988), *Pedagogia do oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gohn, Maria da Glória (2003), *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. 3a ed. São Paulo: Cortez. Gonçalves, Maria José (2006), *Monografia: A educação do MST pelo viés do tempo*. Recife, Centro de Educação: Universidade Federal de Pernambuco.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org) (1994), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 7a ed. Petrópolis: Vozes.

Morigi, Valter (2004), *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre: Mediação.

MST – Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (2005), “Princípios da Educação no MST”, *Caderno de Educação*. São Paulo: Expressão Gráfica. 8, 6-24.

- Mudibe, V. Y. (1988), *The invention of Africa: gnosis, philosophy, and the order of knowledge*. London: Indiana University Press.
- Pereira, Antonio Alberto (2005), *Além das cercas...Um olhar educativo sobre a reforma agrária*. 1a ed. João Pessoa: Idéia.
- Ribeiro, António Sousa (2005), “A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade. Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades”, in Macedo, Gabriela e Keating, Maria Eduarda (org.), *Colóquio de Outono. Estudos de Tradução. Estudos pós coloniais*. Braga: Universidade do Minho, 77-87.
- Ribeiro de Sousa, S. M.; Thomaz Júnior, A. (2002), “O MST e a mídia: o fato e a notícia”, *Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, 6, 119 (45), 2-10
- Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (1997), *Pela mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Cortez.
- Serrão, Maria Isabel Batista (2002). “Um caminho de prática de ensino em escolas vinculadas ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra”, in *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Snyders, Georges (1996), *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Souza, Maria Antônia (2006), *Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis: Vozes.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1993), “Can the subaltern speak?” in P. Williams, Chrisman (org), *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. London: Longman.
- Thiollent, Michael (2004). *Metodologia da pesquisa-ação*. 13ª ed. São Paulo: Cortez.
- Valença, Marcos Moraes et al. (2006a), “Da sala de aula para o assentamento”, in *Cadernos Temáticos*. Ministério da Educação. 2, 78-79.
- Valença, Marcos Moraes (2006b), “Os movimentos sociais no cotidiano do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFETPE – e da Universidade de Pernambuco – UPE” in: XIII ENDIPE – *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. Recife: ENDIPE, 2, 20-32.
- Veiga, Ilma Passos Alencastro e Resende, Lúcia Maria Gonçalves (1998), *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 7ª ed. Campinas: Papirus.
- MST, Linha política. www.mst.org.br. Disponível em 31/03/08.
- Incra, Projetos e programas. www.incra.gov.br. Disponível em 26/03/08.

APPENDIXES

COORDENADORA DO CURSO PELO MST

1) Partiu de quem – do MST ou da Universidade – a criação do curso de Pedagogia da Terra?

Quem demanda os cursos são os Movimentos Sociais. Cabe a eles procurarem as universidades para apresentar suas necessidade e demandas.

2) Como foi seleccionada a instituição que ministra o curso para o movimento?

Primeiro por definição política do MST, que tem que ser instituições públicas, pois partimos do entendimento político da luta por educação pública e de qualidade. Segundo, aqui no estado de Pernambuco avalia que a UPE tinha Campos em três regiões o que facilitaria a descentralização barateando custos e ajudando no acompanhamento. Claro que tivemos problemas no percursos e tivemos que compor o curso com estudantes de outras regionais, mas a idéia de ter sido com a UPE a principio era essa, compor os cursos por regiões. Além do mais já tínhamos um trabalho desenvolvido com os três Campus: Nazaré, Garanhuns e Petrolina, com a Educação de Jovens e Adultos. Hoje estamos para realizar cursos com a UFPE e UFRPE.

3) Como foram selecionados/as os/as educandos/as para participarem do curso pedagogia da terra?

As indicações dos estudantes são feitas pelas direções das regionais do MST que no estado de Pernambuco estamos organizados em 15 regionais. Os dirigentes regionais fazem o debate/encaminhamentos nas áreas de assentamento e acampamentos e a partir dos critérios estabelecidos pela direção a partir de cada curso e do perfil dos estudantes a áreas indica as pessoas.

4) O Movimento já tinha alguma relação com a Universidade? Qual?

Já, nós já trabalhávamos com a UPE com a Educação de Jovens e adultos desde 1999.que consistia em dar formação específica da EJA e teria também o escolarização dos monitores, o que não ocorreu.

5) Como o Movimento participou da construção do currículo do curso?

Na elaboração não houve, tivemos uma conversa na qual colocamos nossa concepção de educação e do que esperávamos do cursos, e como organizamos nosso processo metodológico de gestão do curso. E fornecemos como subsidio para elaboração do projecto dois projectos que nós tínhamos elaborado para a Pedagogia do Rio Grande do Sul com a UFRG/ IETERRA, o IETERRA é Instituto de Formação do MST e o curso do Rio Grande do Norte. O que vimos avaliando no percurso da execução do curso, não só o de Nazaré como fizemos isso com o de Petrolina. Tivemos problemas de concepção até porque o curso, pela universidade ficou como parâmetro o PROGRAPE, os professores tentaram precarizar o conhecimento, (posso retomar no ponto seguinte) inclusive temos parâmetro de avaliação dos dois Campus, O de para Nazaré conseguiu ir no processo superando os limites pedagógicos que o PROGRAPE apresenta, o que não ocorreu com Petrolina, mas tivemos problemas administrativo que levou a descontinuidade do curso por um ano, o que não ocorreu com o de Petrolina que a turma se formou o ano passado e o de Nazaré só se forma no final deste ano, se conseguirmos resolver os problemas administrativo.

6) Houve tensões nessa parceria? Quais?

Sempre, tanto do ponto de vista pedagógico, quanto administrativo. Em Nazaré, no inicio do programa houve um trabalho de conceber o curso coletivamente com os educadores que atuariam. Sentavam apresentavam as ementas e as colocavam em diálogo. Depois não houve mais essas reuniões. Outra coisa e que é base do projecto e não foi assumido é o acompanhamento do tempo comunidade. Tudo isso tem sido motivo de conflitos nas reuniões entre MST e Universidade.

7) Como o Movimento avalia o curso que está sendo ministrado para o MST?

Primeiro que nós não vemos como um curso para nós é um o MST, para curso do MST, e toda nossa relação consiste nesta compreensão. Partimos da compreensão do direito a educação em todos os níveis e modalidade, e nesse sentido temos feito a luta para conquistar esse direito. Só que nessa luta não queremos ser apenas demandantes da política, mas queremos dar forma e conteúdo a essa política, daí que estamos debatendo com a universidade da qualidade e do conteúdo do curso e talvez seja aqui o maior ponto de conflito, hoje talvez tenhamos diminuído esse conflito, porque a Universidade passou a respeitar o acúmulo de experiência e de conhecimento do MST no campo educacional, a ponto de não quisermos mais realizar cursos com o Campus de Petrolina, de não realizarmos mais parceria até que retornamos o debate da concepção e os cursos que reformulamos houve nossa participação na elaboração.

8) Em que o Curso vem contribuindo para o Movimento?

Em várias dimensões. Na elevação da escolaridade; Como nós trabalhamos os princípios metodológicos dos cursos há uma formação dos educando da direção coletiva da qualificação das coordenações que assumem na luta geral do MST, da elevação da consciência de direito a educação; da qualificação profissional, da elevação da formação política e de consciência....

COORDENADORA DO CURSO PELA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (ENTREVISTA 2)**1) Partiu de quem – da universidade ou do MST – a criação do curso de Pedagogia da Terra?**

A proposta dos cursos Normal Médio e Pedagogia da Terra surgiu a partir da pressão do MST junto a Universidade e ao governo federal, na luta pela reforma agrária. Iniciamos um trabalho com o MST ainda em 1999 quando capacitávamos monitores para a EJA, através de um projecto de alfabetização. Em 2001 o MST solicitou a Universidade que elaborasse os projectos para a formação de educadores do campo, pois as acções de alfabetização ficariam em projectos ligados ao governo federal a exemplo do Brasil Alfabetizado. Assim ficava clara a demanda por escolarização e profissionalização de assentados da reforma agrária.

O projecto foi discutido com o MST e a Universidade, ficando sob a minha responsabilidade a sua elaboração de acordo com o manual do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária).

Tivemos algumas reuniões para discutir a metodologia dos cursos, a pedagogia da alternância e a proposta de formação da UPE. Assim, articulamos elementos dos cursos regulares da UPE, para atender a esta demanda específica do MST. Assim, o curso foi construindo sua identidade, a identidade dos movimentos sociais, sem perder de vista as exigências e norma académica da UPE/FFPNM. O projecto foi aprovado em 2002, sendo iniciado em 2004.

2) Como foi realizada a construção curricular do Pedagogia da Terra? Quem foram as pessoas envolvidas? Houve quantos encontros? Houve tensões? Quais?

Na questão anterior de certa forma abordei o que você pergunta, mas especificamente vale a pena destacar alguns aspectos importantes.

O MST pressionou muito a universidade para que embora já tivéssemos uma proposta

curricular definida pela UPE, para atender a esta demanda específica precisaríamos considerar a identidade dos povos do campo, a concepção de educação do MST, a pedagogia da terra e a pedagogia da alternância que incluía tempos pedagógicos no campo e nas universidades com actividades diversificadas.

O MST cobrava um cuidado especial com a metodologia a ser utilizada nos cursos, o perfil dos professores formadores, que deveriam ter alguma identidade ou simpatia com as questões políticas da reforma agrária e do MST, o respeito a essa identidade.

Os momentos de tensão surgiram no momento da execução dos projetos, quando os alunos chegaram a universidade, pois eram tratados com desconfiança e preconceitos da comunidade científica, professores, alunos de outros cursos e funcionários da Universidade. Foram estabelecidos contactos, uma nova dinâmica e confrontos surgiram, mas de maneira geral contribuíram para uma abertura maior da universidade à comunidade e aos povos do campo.

Tivemos reuniões quinzenais no início e quando iniciamos os cursos estas reuniões passaram a ser semanais com a coordenação pedagógica, administrativa e professores. Tudo foi pensado e discutido colectivamente, nem sempre de forma harmônica pois os momentos de tensão eram maiores quando se tratava de questões administrativas e financeiras, entre o planejado e o executado. O MST fazia muitas cobranças com relação a hospedagem, alimentação, programações culturais, kit pedagógico, conforto nos alojamentos e nem sempre o que pediam era atendido. Outras questões não constavam no orçamento e o MST exigia da universidade como despesas médicas, no início dos cursos os alunos apresentavam muitos problemas de saúde, a ciranda infantil, o pagamento de educadoras infantis, transportes extras, participação em encontros do Movimento, passagens aéreas para coordenadores. estas questões eram as mais delicadas de serem conciliadas.

As questões pedagógicas eram discutidas, avaliadas com mais frequência e menos conflitos.

3) Como foram seleccionados/as professores/ as para ministrarem aulas no referido curso?

Através da análise de currículo, da avaliação das práticas desenvolvidas por eles na universidade ou nas secretarias de educação estadual e municipal e por indicação da própria universidade, dos departamentos e do MST. Avaliávamos inicialmente o perfil dos candidatos. Tivemos o receio de fazer uma selecção externa, pois correríamos o risco de aprovar pessoas que não tivessem identidade com os povos do campo nem abertura para desenvolver novas práticas. Assim fomos observando, analisando o currículo, fazendo entrevistas e o planeamento colectivo, para então seleccionar os docentes. Tivemos casos de professores efectivos da própria UPE que durante suas práticas revelaram-se de forma tradicional, autoritárias e pouco criativas, sendo avaliados de forma negativa. Estes foram substituídos nas etapas seguintes do curso.

4) Os professores já tinham alguma relação com o movimento? Qual?

A maioria não, passaram a conhecer e a se identificar com o movimento a partir de suas práticas. Muitos vieram agradecer a oportunidade pela rica experiência que tiveram com os cursos do PRONERA. Eles se emocionaram, descobriram coisas novas, se descobriram, se sensibilizaram com as questões políticas e pedagógicas e revelaram outros interesses a partir deste contacto com a pedagogia da terra. Saíram mais enriquecidos, motivados pelo perfil dos alunos dos cursos, a vontade de aprender, o compromisso com a formação e

com o diálogo aberto que era estabelecido entre professores e alunos. Alguns passaram a desenvolver pesquisa e extensão a partir deste primeiro contacto nos cursos formais.

5) Que dificuldade a universidade enfrentou para a construção e realização desse curso com MST?

As maiores dificuldades foram as administrativas, burocráticas e financeiras, principalmente diante de um grupo tão politizado que cobrava demais e pedia explicações e exigia às vezes o que não tinha direito, ao mesmo tempo que fiscalizava e questionava a aplicação dos recursos, pois sabiam que era uma conquista e não uma filantropia que estavam recebendo do poder público.

Outra dificuldade foi lidar com as questões políticas e pedagógicas de forma mais clara, participativa com o protagonismo do MST.

A necessidade de abertura para o diálogo, conviver com as diferenças foi outro grande desafio.

Na verdade as maiores dificuldades foram internas da UPE e da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata frente às exigências e à burocracia do INCRA. A

Universidade não estava preparada para administrar esses recursos e isso gerou muitos problemas, principalmente em relação à prestação de contas, ao atraso na liberação dos recursos, a evasão por conta da descontinuidade do cronograma e a falta de entendimento entre a procuradoria jurídica do INCRA e o IAUPE/UPE. Estas questões interferiram muito negativamente nos cursos, gerando atraso no pagamento dos professores e demais despesas, como falta de condições para realizar as atividades na faculdade sem recursos financeiros. Neste contexto o MST se revelou mais parceiro, discutindo e buscando colectivamente saídas políticas para estes impasses junto à UPE e ao INCRA e ao PRONERA nacional.

ENTREVISTA COM ANA SOTERO, NO DIA 09 DE NOVEMBRO DE 2005, NA FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE NAZARÉ DA MATA – UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – BRASIL. (ENTREV.1)

Quando a gente começa a trabalhar com o MST, com os movimentos sociais, eu acho que a gente traz, inicialmente, no primeiro contacto, essa questão da utopia, do entusiasmo, do sonho, de se apaixonar pelo que a gente vê, porque eu acho o que diferencia o movimento social da nossa prática social - somos grupos muito isolados, somos muito individualistas - é exactamente a prática do colectivo. De certa forma, a gente, como pesquisador, se apaixona por a gente ver que existem grupos organizados na sociedade que a gente não consegue dar conta disso na estrutura que a gente vive aqui de universidade, de escola, qualquer ambiente. A nossa sociedade não é organizada, com excepção de alguns movimentos sociais e nesse ponto eu acho que é apaixonante trabalhar com o MST. Mas a gente conhece muitos movimentos sociais a partir da crítica que a mídia faz e a mídia a gente sabe que é direccionada. Se você for ver o que sai na ISTOÉ, o que sai na VEJA, o que sai na GLOBO, o que sai na maioria dos jornais são os aspectos negativos do Movimento. Então, assim, eu me senti um pouco privilegiada no sentido de ter a oportunidade de trabalhar com o movimento social a partir da educação. Isso foi muito bom para mim, enquanto profissional, enquanto pesquisadora, porque eu já tinha essa visão do que a mídia passa, mas eu sempre fui pé atrás, também. A gente já faz a leitura crítica da mídia, enquanto que a grande massa não. Mas, conhecendo o MST, convivendo com os militantes do MST, coordenando cursos no MST, eu tive oportunidade de ver a construção que eles fa

zem de um projecto de sociedade que é diferente do projecto que está sendo imposto para a gente. Eu acho que essa é a grande diferença, é por isso que a gente se apaixona, porque o projecto de sociedade que eles defendem, é um projecto de sociedade que eu sonhava quando eu tinha dezoito, vinte anos.

Então hoje quando eu consigo trabalhar com alunos.... que a gente coordena o curso de Pedagogia da Terra e o curso Normal Médio. Estamos formando educadores do campo, são cento e vinte alunos. Quando a gente está trabalhando com eles, a gente percebe que a gente está contribuindo para a construção do projecto de uma nova sociedade, que é diferente do que está imposto. Pode ser que a gente não veja daqui a cinco anos, dez anos, mas daqui a algumas décadas eu acredito que pelo menos no campo essa realidade vai ser diferenciada porque o Movimento tem uma grande força e também porque a gente começa a ter contacto só com o MST, que é a nossa grande referência no Brasil, e aqui em Pernambuco, em especial. Mas quando você começa a participar de eventos de educação do campo - eu já fui para II Conferência Nacional de Educação do Campo, tenho participado aqui na Secretaria de Educação, junto com a Secretaria com o processo de formação de educadores do campo. Agora a Secretaria de Educação está assumindo a educação do campo enquanto política pública. Todo processo de construção da política de educação do campo eu tenho acompanhado, desde 99 e o que eu tenho visto é que há uma diferença de perfil do educador, de compromisso de educador, de proposta pedagógica. Quando você fala assim que essa questão do prazer, um tema interessante para se pesquisar, eu acho que é, mas será que esse facto da escola estar organizada pelos educadores do campo para os educandos do campo, para os camponeses, trabalhadores e trabalhadoras se isso não leva a um esvaziamento da proposta em si, a um simplismo, a uma ausência de concepção ou algo que não tenha um embasamento teórico.... Eu tenho descoberto outras coisas, eu tenho descoberto que eles estão estudando, inclusive, recentemente, eu estou com duas orientandas que estão agora lá em São Paulo. Não sei se você conhece a escola Florestan Fernandes? Que é a escola de formação nacional do MST, foi inaugurada acho que em Abril. Eu estive lá ano passado num colóquio de educadores do campo e eu tenho duas orientandas que estão agora lá participando de um curso de especialização e estão defendendo a monografia essa semana. Todas duas na área de educação - uma sobre formação de educadores do campo e a outra sobre a organicidade de os educandos que participam desses cursos de formação aqui conosco. O que é que diferencia nossos alunos de outros alunos? É que o MST tem uma organicidade, tem uma intencionalidade na sua prática, essa intencionalidade é política, é ideológica, é pedagógica, é social. Tem toda uma dimensão que está muito bem estruturada do jeito deles. Agora é lógico que tem as falhas, tem as limitações, tem as contradições. Mas enquanto movimento, eu acho que é isso que encanta também alguns pesquisadores. Eu trouxe professor Alberto Correia aqui para conversar com a turma, com os alunos, ele conheceu. Ele ficou um tanto encantado porque ele faz um trabalho parecido lá (refere-se a Portugal) com os ciganos, com escolas itinerantes, porque os ciganos têm escolas itinerantes, o movimento social tem escolas itinerantes. No campo nós temos poucas escolas do campo realmente, com infra-estrutura, com prédio, com professores lotados naquela escola com a formação adequada não existe, existe em pouca quantidade. O que existe no campo são escolas municipais ou estaduais que professores são lotados mas não têm essa identidade com o movimento social. E o movimento social fica brigando com as prefeituras, com o Estado para darem formação que eles querem para os seus filhos. Então tem tudo isso assim. Eu tenho acompanhado o encontro dos Sem Terrinhas. Ano passado eu levei os meus alunos da graduação, a gente organizou 10 ou foram 12 oficinas, foi lá no Geraldão e assim, eu

tenho aproximado muito os alunos da graduação aqui dos cursos regulares com os alunos do Pedagogia da Terra e do Normal Médio que são futuros educadores do campo. Essa é muito boa e a gente tem aprendido muito. Em relação à intencionalidade da troca tem sido prática, concepção, a intenção política, também, eles dão exemplos para a gente, eles dão aula para a gente de cidadania, de direitos humanos, de tudo, sabe, do que eles vivem de exclusão, de injustiça social, eles são muito críticos, eles são tão críticos que chegam a incomodar e incomodam muito. À princípio aqui era um tumulto essa faculdade. Quando eles chegavam eram os Sem Terra, porque eles barulhentos, são muito alegres, né, então tudo deles é com música, com palavras de ordem, eles se organizam, eles fazem todo o processo de organicidade que a gente diria, no exército a gente chama de formatura, fica todo mundo reunido, vê o que cada um vai fazer, tal. Mas no processo deles é a organicidade mesmo, então eles se organizam para garantir o processo de formação. Então tem várias equipes dentro das turmas responsáveis por cultura, por comunicação, por infraestrutura, por memória, o que você imaginar... Essa dificuldade eu não tenho na coordenação e tenho aprendido muito com eles, mas isso é uma metodologia do MST que a gente não conhece. Quem não trabalha, quem está começando a trabalhar então de fato não conhece isso, então, muitas vezes a gente faz uma leitura do que é educação no movimento porque a gente desconhece como é que ela se processa.

Comparação do Pedagogia da Terra, com Pedagogia Regular

Sou professora dos dois. Olha, eu acho que no Pedagogia da Terra eu tenho conseguido usar desde a elaboração do Projecto - porque nós elaboramos junto com o Movimento, junto com o INCRA, junto com o PRONERA, com orientação do PRONERA. Existem, assim, alguns critérios para se fazer o Projecto, existe todo um formulário próprio para se fazer o Projecto e no momento em que nós fizemos o Projecto nós tomamos como referência o programa de graduação que existe aqui da faculdade - Programa Especial de Graduação de Pedagogia que é o PROGRAP. O nosso são 3 anos. Só que o PROGRAP ele não tem, embora tenha sido, originalmente, assim, o projecto inicial tenha sido o do programa não é? Que garante já certificação, não perder tempo se vai certificar ou não, mas o que a gente acrescentou do ponto de vista da concepção de educação e das práticas inovadoras voltadas para a questão do campo diferencia muito do que é o PROGRAP, porque a gente tem um tempo escolar diferente do que é o curso regular. O aluno não tem que está aqui todos os dias assistindo aula, eles têm o tempo apropriado e esse tempo pedagógico é dividido em várias etapas. Então a gente tem o tempo-aula que é o tempo presencial que a gente chama aqui. Eles passam, geralmente, dois meses, dois meses e meio aqui mais dois meses dois meses e meio nos assentamentos, depois eles voltam.

Onde eles ficam?

Dificuldade, viu, no início, a gente teve muita dificuldade. À princípio eles ficaram em casas que a gente alugou, organizou alojamento mas não estava muito adequado e essa segunda etapa que eles vieram, eles já estão fazendo o segundo período, eles já virão para o terceiro no próximo ano. No 2º período, agora, eles ficaram hospedados na GERE. A gente conseguiu um valor de hospedagem mais acessível, tem mais infraestrutura porque é um lugar que hospeda professores do Estado todo, daqui da região. Eles ficam hospedados mas fazem a alimentação na Faculdade, passam o dia aqui na Faculdade, manhã, tarde e noite. Eles vão para lá dormir, estudar, tal. Então, eles se organizam muito para isso. Então, a diferença que eu sinto do Curso Regular é que além dessa questão do tempo pedagógico que é diferente que a gente vivencia, quando eles estão agora no tempo

comunidade, eles estão com várias actividades, eles não estão lá soltos, desligados do Curso não, eles têm várias actividades a desenvolver de intervenção, inclusive, intervenção pedagógica de pesquisa e eles têm uma proposta de ter o acompanhamento com professor-tutor. No caso do Programa aqui, o tutor ele só vai trabalhar no período em que o aluno vai fazer a prática de ensino. No nosso curso não, o tutor deve estar acompanhando os alunos, desde o início, porque, exactamente, este tempo que ele se distancia da universidade, ele tem que estar sendo acompanhado, orientado para estar estudando, para estar fazendo os trabalhos, para estar tendo orientação sobre o projecto de intervenção e de pesquisa que ele está fazendo. Quando ele retorna, aí ele traz todas essas actividades cumpridas e apresenta aos professores e aí a gente começa outra etapa. PERFIL Eu acho que além disso, o que diferencia é o perfil dos alunos. O aluno da graduação do curso regular que eu trabalho aqui – eu trabalho desde o 1o período até o 8o período – eles quando chegam muito no 8o período, no 6o período eles passam a ter uma consciência maior da importância do curso, do que vão fazer no mercado de trabalho, porque querem o curso, aí começam a delinear um pouco essa identidade, esse perfil deles profissional. Mas até 4o, 5o período os nossos alunos não sabem o que querem do curso, da universidade, não sabe se quer ser professor, parece que caiu de pára-quedas e na sala de aula a gente fica o tempo todo tentando conscientizar que estudar, por exemplo, filosofia é importante, estudar sociologia, antropologia, que estudar psicologia, estudar as matérias pedagógicas é importante, a gente fica o tempo todo tentando mostrar a importância disso para os alunos para que se concentrem no curso. E eles não têm um projecto colectivo, vêm muitos individualmente aqui, na graduação regular funciona assim, cada um com seus interesses pessoais, uns só querem ter o certificado, outros não querem ser professor nunca, uns trabalham já em comércio, tem as universidades só como possibilidade de ter o curso superior e não tem esse compromisso social, não tem um compromisso com a sua própria formação. Os alunos que vêm do MST não, eles quando entram aqui, eles passam por um processo de selecção, a gente tem uma etapa preparatória onde... eles fazem primeiro uma etapa preparatória muito mais do Movimento que é a organização deles, a questão política, a importância do curso, compromisso que eles têm de dar um retorno para o campo, para as áreas de assentamento, eles só estão no curso porque o compromisso deles é voltar para os assentamentos. Não é fazer o curso para fazer um concurso público aqui na cidade, por exemplo, sair do campo. Que eles façam concurso para actuar no campo, que eles criem as escolas do campo.

Os educandos já são professores?

Alguns são, são professores que vêm actuando já dentro do Movimento porque no Movimento, na verdade, não têm muitas escolas e mesmo que tivessem eles não seriam contratados como professores. Mas eles actuam assim, existe o colectivo de educação no Movimento que está presente em todos os assentamentos que você imaginar e por regiões: mata norte, mata sul, agreste, sertão. Então, eles têm actividades de educação e trabalha desde crianças, adolescentes, jovens e adultos, então eles têm uma proposta de educação, quando eles organizam seminários, onde eles fazem trabalho de alfabetização de jovens e adultos, escolarização... e tudo isso é feito tanto nos acampamentos como nos assentamentos, tanto na etapa que eles estão na lona, debaixo da lona, tanto quanto o momento que eles conseguem a posse da terra e eles são assentados.

Existem escolas da rede pública, ong e escolas comunitárias? Exacto, e muitos actuam na escola comunitária, alguns dos nossos alunos agora, por eles estarem fazendo o Curso eles

já actuam na rede municipal e estadual como serviços prestados, nós já temos alguns e como o Estado está implantando a educação do campo agora, os nossos alunos estão tendo essa oportunidade de actuar também na educação do campo.

Qual a faixa etária?

De Pedagogia (referindo-se a da terra) são alunos que têm a partir de dezoito, vinte anos e tem até aluna de 40 anos, 45 anos, mas a maioria é muito jovem.

Percentual de quantos actuam nas escolas do mst?

Todos de Pedagogia eles têm, não de escola, especificamente, eles actuam em áreas de educação do MST. Em escolas têm alguns, mas esse percentual eu não tenho agora para te dar, mas existe desde o início do curso.

Convênio UPE/PRONERA, tempo, turmas, intervenção do MST, conteúdo trabalhado, processo de avaliação - onde, se avalia no assentamento, a escola é prazerosa no MST?

Só complementando a questão da selecção – referindo-se à selecção diferenciada – eles participam da etapa preparatória e no caso de Pedagogia, eles fazem um vestibular, é um vestibular específico para assentados e assentadas do MST, um vestibular em carácter especial, assim como existe aqui no PROGRAP, então a gente está com a primeira turma da Pedagogia da Terra. Na verdade, o nome do curso não é Pedagogia da Terra, o nome do curso é Licenciatura Plena em Pedagogia para actuar nas áreas de assentamento de 1a a 4a série e EJA, formação de pedagogo, para especificar, exactamente a área de actuação. A gente chama Pedagogia da Terra, carinhosamente, por conta de Gadotti e também por conta da identidade mesmo que eles têm com a educação do campo, então eles mesmos naturalmente já chamam Pedagogia da Terra. E o magistério faz uma etapa preparatória mas faz um processo de selecção, não é um vestibular é a elaboração de um memorial e a gente trabalha um pouco de história de vida, como eles chegam no movimento como eles chegam na universidade, o que é que eles esperam do curso na universidade.

Eles são chamados/pré-selecionados pelo próprio movimento?

São, já, uma divulgação, nisso o Movimento é o nosso parceiro e é responsável, aí é como se dá a formalização do convênio. A universidade elabora o projecto, envia para o PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - que junto com o INCRA vai analisar o projecto, vai dar orientações para reformulação, tanto do ponto de vista pedagógico, quanto do ponto financeiro-administrativo e o curso de Pedagogia tem a duração de três anos e o Normal médio tem a duração de quatro anos. São 60 alunos em cada turma, no Pedagogia a gente mantém os 60, no Normal Médio nós estamos com 42. A gente tem muito um problema de evasão, não por conta da falta de interesse deles mas por conta da burocracia mesmo do INCRA e do PRONERA que demora no repasse dos recursos, um dos nossos grandes problemas, então quando demora a repassar os recursos os alunos se evadem porque é muito difícil você manter um curso se você demorar muito tempo, você tem um planeamento, você tem uma programação e você demorar muito tempo para começar esse curso, então para a gente iniciar o Curso nós passamos quase um ano aguardando o início do curso, então quando saiu a liberação dos recursos foi em Outubro do ano passado (2004), então muita gente já tinha se matriculado em outros cursos, já tinha desistido, já não acreditava, então ficou difícil para a gente manter os 60, principalmente no curso Normal Médio porque a característica é que eles são bem mais

jovens, portanto mais imaturos também e o pessoal de Pedagogia não, já sabe o que quer, já agarra essa oportunidade assim como oportunidade única de formação em nível superior, de acesso à universidade e de contribuir para o assentamento, contribuir com o Movimento, porque já estão muito envolvidos no Movimento. Também têm aqueles que chegam depois e vão entrando no Movimento há menos tempo, que vão se identificando ou não, então tem vários casos assim que a gente vai conhecendo.

Eu estou trabalhando com o PRONERA, desde 1999. Nós tivemos aqui duas turmas de formação de professores alfabetizadores para educação de jovens e adultos. Era um projecto de EJA e nós tivemos em 99 e 2002, nós tivemos outro grupo em EJA que foi a renovação do convénio já com outro grupo de monitores, então nós formávamos os monitores que trabalhavam na alfabetização de jovens e adultos. Foi a partir daí que surgiu a demanda pela formação e como o MST começou a ter acesso às universidades, começou a optar para que a universidade oferecesse a formação de educadores e essa etapa da alfabetização ficassem com os projectos que existem em nível nacional e que eles também têm acesso. Então a gente deixou a EJA e assumiu a formação de educadores do campo. Nós começamos o ano passado, 2004 e a previsão é a gente ir até 2007 com o Curso.

Como o MST intervém?

Assim como nós temos no curso a coordenação pedagógica e administrativa, eles também têm coordenadores político-pedagógicos e os coordenadores político-pedagógicos são muito importantes, cada curso tem um coordenador e é a grande referência para os alunos porque eles ficam alojados durante dois meses, imagina, jovens durante dois meses, bate saudade, bate tristeza, bate alegria também, bate namoro. Tudo que você imaginar assim que eles, jovens juntos, eles vivenciam, daí a importância da organicidade do MST, então eles têm regras, eles têm um estatuto interno que eles construíram aqui agora nesse período com a gente, eles construíram esse estatuto, tem tarefas a cumprir que vai desde a limpeza do ambiente, por exemplo, se eles lancham, se eles almoçam, mesmo sabendo que tem o funcionário da universidade responsável pela limpeza, eles limpam, eu acho isso lindo, eu acho que são exemplos de cidadania que eles dão, porque enquanto a gente suja mais o ambiente porque sabe que tem uma pessoa para limpar, eles não, eles terminam de almoçar, eles tiram a cadeira, eles arrastam mesa, eles varrem, eles passam pano, deixam tudo arrumado, eles são muito organizados, não esperam que ninguém faça por eles não, tem muito respeito em relação a isso. E essa questão da disciplina, o MST tem isso muito forte, a disciplina, tem punições também quando eles infringem as regras, que eles mesmos decidem o que vão fazer e as punições são interessantes, desde a não sair, por exemplo, se saiu tinha uma hora combinada para volta, que às vezes eles saem para passear também, nos finais de semana, principalmente. Imagina esses jovens no final de semana sem ter o que fazer. Às vezes tem uma actividade cultural em Carpina, tem a apresentação do Maracatu, tem alguma coisa eles vão, participam, aí eles têm hora para voltar. Carnaval eles passaram aqui, então como foi que a gente organizou o Carnaval? Alguns foram para casa, que moravam mais perto, mas quem mora em sertão não podia ir, então ficaram aqui, então, tinha hora para sair, tinha hora para voltar, tem hora de alimentação. Então se eles não cumprirem com isso aí tem uma punição e a punição vai desde a questão, saiu não voltou no horário, não vai sair na próxima vez que o grupo for, até a punição, por exemplo, de eles terem de ler um livro e socializar com o grupo a leitura daquele livro, sobre um tema que é interessante ou que tem relação com a norma que eles infringiram, alguma coisa assim, é muito interessante isso. Às vezes eu acho eles muito rígidos nesse

aspecto, porque a gente aqui na Universidade está tão acostumado na sala de aula o aluno não quer assistir aula sai e a gente não cobra e com eles não, todos têm de estar na sala de aula, eles têm o maior respeito com a gente professor, então, parece até que eu estou fantasiando demais, é bom você acompanhar para você ver a realidade, mas, assim, essa questão da disciplina é muito forte, do compromisso, da dispersão deles, é lógico que às vezes eles estão cansados ou estão com algum problema, ficam deprimidos com saudade de casa, com vontade de ir para casa, aí tem gente que chora e eles se ajudam muito, dão uma força um para o outro e eles se sustentam muito por isso. O primeiro período aqui foi muito difícil porque quando passaram 20 dias aqui, 30 dias, era uma choradeira geral. Gente querendo ir embora, triste, com saudade de casa, que deixava filho em casa, que estava com saudade da mãe, do pai e queria ir para casa e não queria mais fazer o curso....

Vida escolar diferenciada a pressão também para estudar que é grande, é um volume muito grande de informação para eles que são muito novos não é?

Eles vêm de formações diferentes, assim, não vêm de uma escola regular, alguns não tiveram de facto, assim, alguns fizeram supletivo. Então quando chegam aqui para voltar ao ritmo de estudo é muito difícil, por isso que a gente faz essa etapa preparatória e no período com os tutores eles também têm essa actualização nos conteúdos, nas dificuldades que a gente observa que eles têm, de língua portuguesa, de matemática aí sempre tem trabalhos a fazer e a gente está sempre tentando contribuir. Alunos aqui da Universidade que possam dar um mini-curso, fazer umas actividades com eles para ver se supre essa carência. Mas em relação às questões pedagógicas mesmo do curso eles são muito motivados, muito interessados, tudo eles querem saber o que é que vão fazer, como é que vão fazer na educação do campo. E são muito críticos também em relação a nossa prática, eles criticam e criticam na sua cara, eles fazem diariamente uma avaliação, diferente da graduação que diz pelos corredores, que não está nem aí, o professor faz de conta que ensinar, faz de conta que aprende, não, às vezes eles são muito duros na avaliação. Processo de avaliação. A avaliação a gente dá orientação aos professores, tem vários instrumentos de avaliação, desde trabalhos em grupos, trabalhos individuais, produção de texto, ficha de leitura, apresentação de seminário, intervenção pedagógica, trabalho de pesquisa de campo, produção de material didáctico. Então, cada professor na sua área tem uma forma de avaliar e essa avaliação a gente considera no curso de Pedagogia que eles tenham pelo menos no período que eles passam aqui 2 a 3 instrumentos de avaliação para a gente dar a média do período e algumas actividades são para o tempo comunidade, mas essas actividades que vão para o tempo comunidade vão entrar na avaliação do próximo período, isso já é uma preparação para o próximo período, porque se não a gente ficaria sempre com um processo de avaliação em aberto. A gente faz isso no curso Normal Médio também. Esses trabalhos já são parte da avaliação da outra etapa.

Mesmos professores pedagogia da terra e pedagogia regular?

Alguns sim, alguns não, porque têm professores de áreas específicas como física, Química, Matemática, Biologia, no Normal Médio que não tem.

NOTES

1. Iniciado em 2004 e devido a atraso de recursos a finalização está prevista para Agosto de 2008.

2. O assentamento Pedro Inácio, antigo engenho Camarazal, existe há dez anos, ocupa uma área de 540 hectares, possui 79 famílias e uma média de 850 pessoas.
3. Expressões criadas por Tobias Doring.
4. Informação obtida no site do MST www.mst.org.br, no dia 31/03/08.
5. Refiro-me aos grandes meios de comunicação, porém chamo a atenção da existência dos media alternativos que valorizam a luta do MST e de outros movimentos sociais, porém não possuem uma repercussão de grande massa.
6. Entrevista realizada no dia 09/11/05, na Universidade de Pernambuco, no núcleo de Nazaré da Mata.
7. Isto é, veja e globo são revistas de grande circulação no Brasil.
8. Recomenda-se a leitura do artigo Os movimentos sociais no cotidiano do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFETPE – e da Universidade de Pernambuco – UPE, de Valença (2006), onde as pesquisadoras relatam o quanto passaram a aprender sobre e com o MST, após terem ingresso no grupo de pesquisa sobre Educação Ambiental e Movimentos Sociais, superando ideias equivocadas que haviam obtido por intermédio dos media.
9. Apesar de Santos (1997) destacar que o mundo universitário se distancia do compromisso social, sobretudo, de âmbito comunitário, com uma lógica empresarial, algumas universidades públicas e centros de formação superior vêm travando um diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão, utilizando-se como campo os assentamentos e acampamentos do Movimento. Serrão (2002) relata experiência de aproximação da Universidade Federal de Santa Catarina, através de seus cursos de Educação Física e Pedagogia, com o MST e Valença, Ciandrini e Gonçalves (2007) relata a experiência do MST com o CEFETPE, através de seu curso superior tecnológico em Sistema de Gestão Ambiental.
10. Palestra realizada, em 01 de Dezembro de 2005, no Seminário Nacional a questão da terra no nordeste do Brasil, realizado em Recife – Pernambuco.
11. Os princípios filosóficos estão dentro dos *Princípios da educação no MST*, materializados em documento produzido pelo Movimento.
12. “O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), tem a missão de ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados. Atua como instrumento de democracia do conhecimento no campo, ao propor e apoiar projetos de educação que utilizem metodologias voltadas para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária.
Os jovens e adultos de assentamentos participam de cursos de educação básica (alfabetização, ensino fundamental e médio), técnico profissionalizante de nível médio e diferentes cursos superiores e de especialização.
O Pronea capacita educadores, para atuar nas escolas dos assentamentos, e coordenadores locais que agem como multiplicadores e organizadores de atividades educativas comunitárias.
O programa apóia projetos em todos os níveis de ensino, conforme relacionado abaixo: Educação de jovens e adultos (EJA) (...), Ensino Médio e Técnico Profissionalizante (...), Ensino Superior” site: www.incra.gov.br no dia 26/03/08.
13. Recomendo a leitura de Feliz na Universidade, de autoria de Snyders.
14. A Universidade de Pernambuco – UPE – espaço de ensino, pesquisa e extensão, possui cursos em nível de graduação e pós-graduação nas áreas de Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Humanas, Linguística, Letras e Artes e, por fim, Ciências Sociais Aplicadas; apresenta o campus de forma descentralizada, atingindo o litoral, a zona da mata, o agreste e o sertão pernambucano com os campus Recife, Nazaré da Mata, Garanhuns, Petrolina, Caruaru e Salgueiro. Dados obtidos no site: www.upe.br em 26/03/08.
15. Destaco trabalho sobre o MST no cotidiano de duas instituições de ensino, pesquisa e extensão – Universidade de Pernambuco – UPE e Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco – CEFETPE.
“Sabe-se que o MST possui uma identidade própria que é percebida nos espaços por onde os seus

integrantes passam, interferindo no cotidiano. O hino, a bandeira, o boné, a própria denominação Sem Terra, como destaca CALDART (2004). Ao visitarmos a Universidade de Pernambuco, observamos faixas com mensagens sobre questões relacionadas ao Movimento. (...)

O cotidiano da Universidade passa a ter novos elementos que interferem tanto nos espaços dentro e fora da sala de aula, quanto na própria docência, já que o(a) professor(a) passa a se envolver com um(a) educando(a) com um perfil diferenciado, oriundo(a) de uma organização social com regras e objectivos claros, interferindo tanto no ato de ensinar, de avaliar e de se relacionar. (...)

Enquanto que no CEFET-PE, os movimentos sociais passam a fazer parte do seu cotidiano, por meio da investigação científica, na UPE, esses interferem com a presença física, fazendo parte de seu corpo discente. Surgem intervindo, a partir da própria construção curricular. Chegam "fazendo barulho", limpando o ambiente, avaliando o professor, sempre identificados com seus símbolos por pertencerem a uma organização social com objetivos definidos, sendo formado(a)s para aplicarem o conhecimento nos acampamentos e assentamentos, valorizando a formação que estão sendo submetidos." (Valença, 2006)

ABSTRACTS

O objectivo deste texto é analisar a tradução num espaço fronteiro entre duas singulares culturas, com idiosincrasias e diferenças. Uma, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST; outra, da Universidade Pública Brasileira - Universidade de Pernambuco - UPE. Uma, predominando o conhecimento construído no próprio movimento social; outra, o científico.

AUTHOR

MARCOS MORAES VALENÇA

É mestre em Educação (UFPE), pedagogo (UFPE) e administrador(UPE), professor e pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco - CEFETPE - Brasil, doutorando na Universidade de Coimbra.